

CAPÍTULO I

Os Enders me causavam arrepios. O porteiro abriu um sorriso ensaiado quando permitiu que eu entrasse no banco de corpos. Ele não era tão velho, talvez uns 110 anos, mas, mesmo assim, aquela presença me fazia estremecer. Como a maioria dos Enders, seu cabelo era de um grisalho prateado, um troféu de honra fajuto que demonstrava sua idade. Do lado de dentro, o espaço ultramoderno, com uma distância enorme entre o piso e o teto, fazia com que me sentisse ainda menor. Caminhei pelo saguão como se estivesse deslizando por um sonho, no qual meus pés mal tocavam o piso de mármore.

Ele me indicou a recepcionista de cabelos brancos, maquiada com um batom vermelho opaco que manchava seus incisivos quando ela sorria. Eles tinham que ser gentis comigo ali, no banco de corpos. Mas, se estivéssemos na rua, eu seria invisível. Ninguém se importaria com o fato de que eu tinha sido a melhor aluna de minha sala — quando ainda existiam escolas. Eu tinha 16 anos. Era um bebê para eles.

Os saltos dos sapatos da recepcionista estalavam quando ela andava e ecoavam por aquele espaço opressor enquanto me conduzia a uma pequena sala de espera. O lugar estava vazio, a não ser por cadeiras forradas com brocado prateado nos cantos. Pareciam ser

móveis antigos, mas o cheiro de produtos químicos no ar indicava tinta fresca e materiais sintéticos. Os sons naturais de pássaros silvestres também eram falsos. Olhei para minha calça puída e sapatos surrados. Eu tinha tentado engraxá-los da melhor maneira que podia, mas as manchas não saíam. E, como eu havia feito todo o caminho até Beverly Hills a pé sob a garoa da manhã, estava encharcada como um gato perdido.

Meus pés doíam. Queria desabar em uma cadeira, mas não me atrevi a deixar a marca molhada de meu traseiro no brocado. Um Ender alto entrou na sala, interrompendo meu pequeno dilema sobre etiqueta.

— Callie Woodland? — Ele olhou para o relógio. — Você está atrasada.

— Desculpe. A chuva...

— Tudo bem. O que importa é que você está aqui — disse ele, estendendo a mão.

Seu cabelo prateado parecia ser ainda mais branco em contraste com o bronzeado artificial que ele exibia. Conforme sorria, seus olhos se arregalavam, deixando-me ainda mais inquieta do que o habitual quando me encontrava na presença de um Ender. Não mereciam ser chamados de idosos, como preferiam, aqueles malditos velhotes ambiciosos no fim de suas vidas. Eu me forcei a apertar aquela mão enrugada.

— Sou o sr. Tinnenbaum. Bem-vinda à Prime Destinations. — Ele colocou sua outra palma sobre minha mão.

— Vim aqui apenas para conhecer... — Eu olhei novamente para as paredes, como se estivesse ali para inspecionar a arquitetura e a decoração do lugar.

— Como as coisas funcionam? É claro. Não cobramos por isso. — Ele sorriu e finalmente soltou minha mão. — Venha comigo.

Ele estendeu o braço como se eu fosse incapaz de encontrar a saída daquela sala. Seus dentes eram tão claros que cheguei até a me encolher um pouco quando ele sorriu. Caminhamos por um pequeno corredor até seu escritório.

— Pode entrar, Callie. Sente-se.

Ele fechou a porta.

Mordi a língua para não engasgar com toda a extravagância que havia ali. Uma imensa fonte de cobre fluía com uma quantidade enorme de água ao longo de uma das paredes. Era incrível a maneira como eles deixavam toda aquela água límpida e pura cair e respingar pelo lugar. Alguém poderia até mesmo pensar que o líquido era gratuito.

Uma mesa de vidro incrustada com LEDs dominava o centro da sala, com uma aerotela flutuando menos de meio metro acima dela. Ela mostrava o retrato de uma menina da minha idade, com longos cabelos ruivos, usando shorts de ginástica. Embora a garota estivesse sorrindo, a foto fora tirada de um ângulo frontal, como as fotografias que tiram dos criminosos quando são fichados pela polícia. Sua expressão era meiga. Esperançosa.

Eu me sentei em uma cadeira moderna de metal enquanto o sr. Tinnenbaum permanecia em pé atrás da escrivaninha, apontando para a aerotela.

— Uma de nossas associadas mais recentes. Assim como você, ela foi informada sobre nossa empresa por um amigo. As mulheres que alugaram seu corpo ficaram bastante satisfeitas.

Ele tocou o canto da tela, trocando a imagem para a de um adolescente que vestia um traje de banho de competição.

— Foi este rapaz, Adam, que indicou a garota. Ele pratica *snowboarding*, esqui e montanhismo. É uma escolha popular para homens que gostam de atividades ao ar livre e que não conseguem desfrutar dessas atividades há algumas décadas.

Ouvir aquelas palavras fez com que tudo parecesse real. Aqueles Enders velhos e caquéticos, com braços e pernas tomados pela artrite, tomando o controle do corpo daquele adolescente durante uma semana, vivendo dentro de sua pele. Meu estômago começou a se revirar. Eu queria sair correndo, mas uma ideia me mantinha ali.

Tyler.

Agarrei o assento de minha cadeira com as duas mãos. Meu estômago roncava. Tinnenbaum me estendeu um pires de metal com supertrufas embaladas em copinhos de papel. Meus pais tinham pires como aquele, antigamente.

— Aceita uma? — perguntou ele.

Peguei um daqueles chocolates enormes em silêncio e, em seguida, percebi que minha cortesia andava meio enferrujada.

— Ah, obrigada.

— Pegue mais — ele agitou o pires para me atçar.

Peguei uma segunda e uma terceira, já que o pires ainda estava ao alcance de minha mão. Embrulhei-as em seus copos de papel e as coloquei no bolso de meu blusão. Ele pareceu ficar decepcionado por eu não as comer ali, como se eu fosse o entretenimento do dia para ele. Atrás de minha cadeira, a fonte borbulhava e respingava, provocando-me. Se ele não me oferecesse algo para beber logo, talvez me visse enfiar a cabeça na fonte, lambendo e engolindo a água como um cachorro.

— Poderia me dar um copo d'água? Por favor?

— É claro.

Ele estalou os dedos e aumentou o tom de voz, como se estivesse falando em algum aparelho oculto.

— Um copo d'água para a senhorita.

Um pouco depois, uma Ender com o corpo de uma modelo entrou na sala, equilibrando um copo d'água em uma bandeja. O copo estava envolto em um lenço de tecido. Peguei o copo e vi que havia pequenos cubos flutuando, brilhando como diamantes. Gelo. Ela colocou a bandeja a meu lado e saiu.

Inclinei a cabeça para trás e engoli toda aquela água doce de uma só vez, com o líquido gelado descendo por minha garganta. Meus olhos se fecharam enquanto eu saboreava a água mais limpa que já tinha bebido desde que a guerra terminara. Quando acabei, deixei que um dos cubos de gelo deslizasse para dentro da boca. Mordi e senti que ele se quebrou com um ruído. Quando abri meus olhos, vi que Tinnenbaum me observava.

— Quer mais? — perguntou ele.

Eu queria, mas percebi nos olhos dele que a pergunta fora feita simplesmente por cortesia. Neguei com a cabeça e terminei de mastigar o cubo. Minhas unhas pareciam ainda mais sujas em contato com o copo

quando o devolvi à bandeja. Ver o gelo derretendo me fez lembrar da última vez em que eu havia bebido água gelada. Parecia uma eternidade, mas fora há pouco mais de um ano, o último dia em nossa casa antes de os inspetores chegarem.

— Quer saber como tudo funciona? — perguntou Tinnenbaum. — Aqui na Prime Destinations?

Eu me segurei para não revirar os olhos. Enders. Qual outro motivo me traria até aqui? Abri um meio-sorriso e confirmei com um aceno de cabeça.

Ele tocou o canto da aerotela para apagar a imagem e tocou-a uma segunda vez para carregar as holoanimações. A primeira mostrava uma idosa reclinada em uma espreguiçadeira, com uma espécie de touca sendo colocada na parte de trás da sua cabeça. Fios coloridos conectados à touca iam até um computador.

— A inquilina é conectada a uma ICC, Interface Corporal Computadorizada, em um consultório, sob a supervisão de enfermeiros experientes — disse ele. — Em seguida, é colocada em um estado de sedação, sem perda da consciência.

— Como acontece quando vamos ao dentista?

— Sim. Todos os seus sinais vitais são monitorados durante toda a jornada. — Do outro lado da tela, uma garota adolescente se reclinava em uma cadeira longa e almofadada. — Você também será sedada com um tipo de anestésico. É um processo completamente indolor e inofensivo. Você desperta uma semana depois, um pouco sonolenta, mas muito mais rica. — Ele mostrou aqueles dentes novamente.

Eu me forcei a reprimir um gemido.

— O que acontece durante a semana?

— Ela tem a oportunidade de ser você. — Ele mostrou as palmas e as girou. — Você conhece os implantes que permitem a pessoas que tiveram as mãos amputadas movimentarem as próteses substitutas? Elas simplesmente pensam no movimento e ele acontece. É muito parecido.

— Quer dizer que ela visualiza a si mesma como se fosse eu e, se quiser alguma coisa, pensa dessa maneira e minha mão pega o que ela quer?

— Exatamente como se ela estivesse em seu corpo. Ela usa a mente para caminhar para fora daqui em seu corpo e consegue ser jovem novamente. — Ele apoiou o cotovelo sobre a outra mão. — Durante algum tempo.

— Mas como...?

Ele apontou o outro lado da tela.

— Deste lado, em outra sala, a doadora — no caso, você — está conectada ao computador por uma ICC sem fio.

— Sem fio?

— Nós inserimos um pequeno neurochip na parte de trás de sua cabeça. Você não vai sentir nada. É totalmente indolor. O neurochip permite que você esteja conectada ao computador a qualquer momento. Nós conectamos suas ondas cerebrais ao computador e ele conecta vocês duas.

— Conecta. — Minhas sobrancelhas se franziram enquanto eu tentava imaginar duas mentes conectadas daquela maneira. ICC. Neurochip. Inserido. Ficava mais assustador a cada minuto. O impulso de sair correndo estava voltando com muita intensidade. Mas, ao mesmo tempo, eu queria saber mais.

— Eu sei, tudo é muito novo. — Ele me deu um sorriso torto e condescendente. — Nós fazemos de tudo para ter a certeza de que você está completamente adormecida. A mente da inquilina toma conta de seu corpo. Ela responde a uma série de perguntas feitas pela equipe para ter certeza de que tudo está funcionando como deveria. Em seguida, ela está livre para desfrutar do corpo que alugou.

O diagrama mostrava gráficos do corpo alugado jogando golfe, jogando tênis e praticando mergulho.

— O corpo retém sua memória muscular. Portanto, quaisquer esportes que você pratique, ela será capaz de praticar também. Quando o contrato chega ao fim, a inquilina volta até aqui com seu corpo. A conexão é finalizada na sequência correta. Os sedativos são removidos do organismo da inquilina. Ela é examinada e prossegue com sua vida. Você, a doadora, tem todas as suas funções cerebrais restauradas pelo

computador. Você desperta em seu próprio corpo com a sensação de que passou vários dias dormindo.

— E se alguma coisa acontecer comigo enquanto ela estiver em meu corpo? Por exemplo, fazendo *snowboarding* ou saltando de paraquedas? O que acontece se eu me machucar?

— Isso jamais aconteceu aqui. Nossos clientes assinam contratos que os responsabilizam legalmente por qualquer problema. Pode acreditar em mim, todos os inquilinos querem seus depósitos de volta.

Ele me fazia sentir como se eu fosse um carro de aluguel. Um calafrio percorreu meu corpo, como se alguém esfregasse um cubo de gelo contra minha coluna. Aquilo me fez lembrar de Tyler, a única coisa que me mantinha naquela cadeira.

— E o que acontece com o chip? —perguntei.

— Ele é removido após seu terceiro contrato de aluguel. — Ele me entregou uma folha de papel. — Leia. Talvez isso faça com que você se sinta mais confortável.

Regras da Prime Destinations para Inquilinos

1. Não é permitido alterar a aparência de seu corpo de aluguel de maneira alguma, incluindo, mas não limitado a, piercings, tatuagens, cortes ou tintura de cabelos, lentes de contato cosméticas e quaisquer procedimentos cirúrgicos, incluindo implantes de silicone.
2. Não é permitido fazer qualquer mudança nas arcadas dentárias, incluindo obturações, remoções e incrustações de joias.
3. O inquilino deve permanecer dentro de um perímetro de 80 quilômetros ao redor da sede da Prime Destinations. A empresa fornece mapas da região.
4. Qualquer tentativa de acessar, modificar ou adulterar o neurochip resultará no cancelamento imediato do contrato, sem direito a reembolso, e as multas contratuais serão aplicadas.

5. Se houver algum problema com o corpo de aluguel, retorne à Prime Destinations assim que for possível. Por favor, trate o corpo de aluguel com cuidado, lembrando-se sempre de que o corpo, na realidade, é uma pessoa jovem e viva.

Advertência: Todos os neurochips impedem que inquilinos se envolvam em atividades ilegais.

Aquelas regras não fizeram com que eu me sentisse melhor. Na verdade, me faziam pensar em outros problemas, coisas que nem mesmo havia considerado.

— E quanto a... outras coisas? — eu perguntei.

— Como o quê, por exemplo?

— Não sei. — Eu preferia que ele não me forçasse a falar sobre isso, mas era o que ele faria. — Sexo?

— O que você quer saber a respeito?

— As regras não falam nada sobre isso — eu disse.

Tinha certeza de que não queria que minha primeira vez acontecesse enquanto eu não estivesse ali.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Nós deixamos isso muito claro para os inquilinos. É proibido.

Ah, sim, com certeza. Pelo menos a gravidez seria impossível. Todos sabiam que isso era um efeito colateral temporário das vacinações. Se tudo corresse bem.

Senti meu estômago se revirar. Afastei os cabelos que me cobriam os olhos e me levantei.

— Obrigada por sua atenção, Sr. Tinnenbaum. E pela demonstração.

Percebi que os lábios dele se retorceram. Ele tentou encobrir a expressão com um sorriso forçado.

— Se assinar conosco hoje, nós lhe daremos um bônus.

Ele retirou um formulário de sua gaveta e rabiscou alguma coisa no papel, deslizando-o em seguida por sobre a mesa em minha direção.

— O contrato é válido para três aluguéis. — Ele tampou a caneta.

Peguei o contrato. Todo aquele dinheiro seria suficiente para comprar uma casa para nós e comida suficiente para um ano. Voltei a me sentar e respirei fundo.

Ele estendeu a caneta. Eu a peguei.

— Três aluguéis? — perguntei.

— Sim. Você receberá o pagamento ao final do contrato.

O papel dançava sobre a mesa. Percebi que minha mão estava tremendo.

— É uma oferta bastante generosa — disse ele. — Isso inclui o bônus, caso você assine hoje.

Eu precisava daquele dinheiro. Tyler precisava.

Com a caneta nas mãos, o borbulhar da fonte começou a soar mais alto em minha cabeça. Olhava fixamente para o papel, mas via flashes do batom vermelho opaco, dos olhos do porteiro e dos dentes artificiais do sr. Tinnenbaum. Pressionei a caneta contra o papel, mas, antes de fazer qualquer marca, olhei para ele. Talvez eu quisesse uma última garantia de que tudo correria bem. Ele assentiu e sorriu. O terno que ele usava era perfeito, exceto por um fiapo branco na lapela. Tinha a forma de um ponto de interrogação.

A expectativa que ele sentia era quase palpável. Antes que percebesse, eu já havia colocado a caneta sobre a mesa.

Os olhos dele se estreitaram.

— Algum problema?

— Lembrei-me de uma coisa que minha mãe sempre dizia.

— E o que ela dizia?

— Que é importante analisar cuidadosamente uma decisão importante. Preciso pensar a respeito.

Os olhos dele assumiram uma expressão fria.

— Não posso garantir que a oferta será a mesma daqui a alguns dias.

— Acho que vou ter que assumir o risco. — Dobrei o contrato, coloquei-o no bolso e me levantei da cadeira. Forcei um leve sorriso.

— Você tem condições de fazer isso? — Ele se interpôs entre a porta de saída e minha cadeira.

— Provavelmente não. Mas preciso pensar na oferta. — Eu me levantei e o contornei, indo até a porta do escritório.

— Telefone se tiver alguma pergunta — ele disse, elevando um pouco a voz.

Passei rapidamente pela mesa da recepcionista, que parecia estar irritada por eu sair depois de tão pouco tempo. Ela me seguiu com os olhos enquanto apertava algo que eu imaginava ser um botão de emergência. Continuei avançando. O porteiro me olhou fixamente através da porta de vidro antes de abri-la.

— Já vai embora? — Aquela expressão vazia era quase cadavérica. Acelerei ainda mais o passo, deixando-o para trás.

Quando saí do prédio, o ar fresco do outono atingiu meu rosto. Inspirei aquele ar conforme andava por entre a multidão de Enders que enchia a calçada. Acho que fui a única pessoa que recusou a oferta de Tinnenbaum, a única que não caiu naquela conversa de vendedor. Mas eu sabia que não devia confiar nos Enders.

Caminhei pelas ruas de Beverly Hills, balançando a cabeça, decepcionada, ao perceber os bolsões de riqueza que ainda restavam depois de mais de um ano do fim da guerra. Aqui, somente uma em cada três lojas estava abandonada. Roupas de grife, aparelhos eletrônicos e lojas de robôs, tudo feito para que os Enders ricos pudessem satisfazer sua sede pelo consumo. Era um bom lugar para procurar por coisas usadas. Se alguma coisa quebrasse, eles teriam que jogá-la fora, pois não havia ninguém capaz de consertá-la. Também era impossível conseguir peças de reposição.

Eu mantinha a cabeça baixa. Embora não estivesse fazendo nada de ilegal naquele momento, se algum inspetor me abordasse, eu não conseguiria mostrar qualquer documento que menores adotados tinham que carregar consigo.

Enquanto esperava um semáforo abrir, um caminhão parou à minha frente com um bando de Starters de cara amarrada, sujos e esfarrapados, sentados com as pernas cruzadas na carroceria, e uma pilha de pás e picaretas no meio da carreta. Uma garota com a

cabeça enfaixada olhou fixamente para mim, com olhos que pareciam mortos.

Vi uma ponta de inveja nela, como se achasse que minha vida fosse melhor que a sua. Quando o caminhão se afastou, a garota cruzou os braços, como se quisesse abraçar a si mesma. Mesmo que minha vida fosse ruim, a dela era pior. Devia haver uma forma de sair dessa situação insana. Alguma maneira que não envolvesse aquele banco de corpos assustador ou trabalho escravo legalizado.

Andei pelas ruas secundárias, evitando a área da Avenida Wilshire, um lugar que naturalmente atraía os inspetores. Dois Enders, empresários com sobretudos pretos, estavam vindo em minha direção. Desviei o olhar e enfiei as mãos nos bolsos. No bolso esquerdo estava o contrato. No direito, os chocolates embrulhados em papel.

Amargo e doce.

Os bairros foram perdendo sua beleza conforme me afastava de Beverly Hills. Eu desviava de pilhas de lixo que esperavam por caminhões de coleta que há muito tempo não passavam por aquela área. Olhei para cima e percebi que estava passando por um prédio coberto com uma lona vermelha. Contaminado. Os últimos mísseis de esporos caíram há mais de um ano, mas as equipes especializadas em materiais perigosos ainda não haviam conseguido descontaminar o local. Cobri meu nariz com a manga de meu blusão, como meu pai me ensinara, e apressei o passo.

A luz do dia estava diminuindo e eu conseguia andar com mais liberdade. Peguei minha lanterna de pulso e a afivelei às costas da mão esquerda, mas não a liguei. Havíamos quebrado as luzes dos postes destas ruas. Precísávamos da proteção das sombras para que as autoridades não conseguissem nos capturar com uma justificativa qualquer. Queriam muito nos trancafiar em alguma instituição. Eu nunca estivera dentro de uma dessas, mas ouvira falar muito a respeito. Uma das piores, a Instituição 37, ficava a apenas alguns quilômetros de onde eu morava. Ouvi quando outros Starters falavam a respeito.

Quando eu estava a duas quadras do prédio onde morava, a escuridão já era quase completa. Liguei minha lanterna. Um minuto depois,

percebi as luzes de duas outras lanternas de pulso que se moviam do outro lado da rua, aproximando-se. Quem quer que estivesse com suas lanternas ligadas, eu esperava que fossem camaradas. Ainda assim, no mesmo momento, as duas luzes se apagaram.

Renegados.

Meu estômago se revirou e meu coração saltou para a garganta. Corri. Não tinha tempo para pensar. Meu instinto me levou em direção a meu prédio. Uma garota daquela dupla, alta e de pernas longas, com uma tatuagem no rosto, conseguiu encurtar a distância. Ela estava logo atrás de mim, estendendo as mãos para agarrar minha blusa.

Forcei minhas pernas a correr mais rápido. A porta lateral para o meu prédio estava a apenas meio quarteirão de distância, esperando por mim. Ela tentou novamente e, desta vez, conseguiu agarrar meu capuz.

Caí quando ela me puxou e senti meu corpo bater com força na calçada. Minhas costas doíam e minha cabeça parecia zumbir. Ela montou sobre mim como faria com um cavalo e começou a revistar meus bolsos. Seu amigo, um garoto mais novo, voltou a ligar sua lanterna de pulso e a apontou para meus olhos.

— Não tenho dinheiro. — Apertei os olhos, tentando afastar as mãos dela com tapas.

Ela atingiu as laterais de minha cabeça com as palmas abertas, acertando minhas orelhas com força. Um truque sujo das ruas, que fazia a cabeça da vítima retinir com a dor.

— Não tem dinheiro para mim? — disse ela. Aquelas palavras abafadas reverberavam dentro de minha cabeça. — Então, você acabou de se encrencar ainda mais.

Uma onda de adrenalina me deu forças para mover o braço e eu lhe acertei um soco direto no queixo. Ela quase perdeu o equilíbrio, mas conseguiu se endireitar antes que eu saísse de debaixo dela.

— Agora você vai morrer, neném.

Eu me contorcía e me agitava, mas ela me imobilizou com coxas que pareciam feitas de aço. Levantou o punho e colocou todo o peso do

corpo naquele golpe. Movi a cabeça para o lado no último segundo e o punho dela atingiu o asfalto. Ela gritou.

Aquele grito me deu o impulso de que eu precisava para sair de debaixo dela enquanto a garota segurava o punho, tentando aplacar a dor. Meu coração estava pulando com tanta força que parecia querer sair de meu peito. O outro garoto se aproximou com uma pedra. Minha respiração saía em arfadas estranguladas enquanto eu me levantava.

Alguma coisa caiu de meu bolso. Todos pararam para olhar.

Uma das preciosas supertrufas.

— Comida! — gritou o amigo da garota, apontando a lanterna para o chão.

A garota rastejou em direção ao doce, protegendo a mão esmigalhada contra o peito. Seu amigo se jogou no chão e pegou a supertrufa. Ela agarrou a mão dele, arrancou um pedaço da trufa e o engoliu. Ele devorou o resto. Eu corri em direção à entrada lateral de meu prédio. Empurrei a porta de entrada, minha porta, e depois me agachei para passar por ela.

Comecei a rezar para que não entrassem em meu prédio. Minha sobrevivência dependia de eles sentirem medo de meus camaradas e de quaisquer armadilhas que eu houvesse instalado. Apontei minha lanterna para verificar a escada. Estava livre. Subi até o terceiro andar e espiei por uma janela suja. Na rua, os ladrões renegados se afastavam rapidamente, como ratos. A parte de trás de minha cabeça doía depois da queda no asfalto, mas eu havia conseguido voltar para casa sem cortes profundos ou ossos quebrados. Coloquei a mão sobre o peito e tentei respirar com mais tranquilidade.

Foquei minha atenção no interior do prédio e examinei os lugares habituais. Agucei os ouvidos para tentar escutar alguma coisa, mas eles ainda zuniam após a briga. Balancei a cabeça para tentar espantar aquele barulho.

Nenhum som novo. Nenhum habitante novo. Nenhum perigo. O escritório no fim do corredor me atraía como um farol, a promessa de um sono tranquilo. Nossa pilha de escrivinhas formava uma barricada

no canto, isolando uma parte da sala cavernosa e vazia e dando a ilusão de conforto. Provavelmente Tyler já estaria dormindo. Coloquei a mão nos bolsos e toquei as supertrufas que ainda restavam ali. Talvez fosse melhor lhe fazer uma surpresa pela manhã.

Mas eu não conseguia esperar.

— Ei, acorde. Eu trouxe uma coisa para você.

Quando dei a volta nas escrivatinhas, não havia nada. Nada de cobertores, nada de irmão. Nada. Os poucos pertences que tínhamos haviam desaparecido.

— Tyler? — eu chamei.

Senti um nó começando a se formar em minha garganta. Corri para a porta, mas, assim que cheguei ali, um rosto apareceu.

— Michael!

Michael balançou sua cabeleira loira.

— Callie.

Ele colocou a lanterna de pulso sob o queixo e fez uma careta de susto. Não consegui resistir e explodiu em uma gargalhada.

Se ele estava rindo, Tyler provavelmente estava bem. Eu lhe dei um empurrão.

— Onde está Tyler?

— Tive que levar as coisas de vocês para meu quarto. Uma goteira apareceu aqui. — Ele apontou sua lanterna para uma mancha escura no teto. — Espero que não haja problemas.

— Não sei. Depende de suas habilidades com decoração de interiores.

Segui em direção a uma sala do outro lado do corredor. Na parte de dentro, em dois cantos diferentes, as escrivatinhas formavam nichos aconchegantes e protetores. Conforme me aproximei, vi que ele havia recriado o posicionamento exato de nossos pertences. Entrei no nicho que ficava no canto mais distante e vi que Tyler estava sentado contra a parede, com o cobertor sobre as pernas. Ele parecia pequeno demais para seus 7 anos. Talvez tenha sido o pensamento momentâneo de perdê-lo, ou o fato de que fiquei fora o dia inteiro, mas parecia que eu o estava vendo pela primeira vez depois de um

bom tempo. Ele havia emagrecido desde que começamos a morar nas ruas. Precisava de um corte de cabelo. Sombras escureciam seu rosto, logo abaixo dos olhos.

— Onde você estava, Cara de Macaco? — a voz de Tyler estava rouca. Esforcei-me para afastar a expressão de preocupação.

— Estava na rua.

— Você ficou fora o dia inteiro.

— Mas você estava com Michael. — Eu me ajoelhei a seu lado. — E demorei um bom tempo para encontrar um presente especial para você.

Um leve sorriso se formou nos lábios dele.

— O que você me trouxe?

Tirei um dos copinhos de papel do bolso e desembulhei o chocolate enriquecido com vitaminas. Era do tamanho de um biscoito. Os olhos dele se arregalaram.

— Uma supertrufa? — ele olhou para Michael, que estava ao meu lado. — Uau!

— Trouxe duas — eu disse, mostrando a outra. — As duas são para você.

Ele balançou a cabeça.

— Fique com uma.

— Você precisa das vitaminas — eu disse.

— Você já comeu hoje? — perguntou ele.

Eu olhei para ele. Será que conseguiria mentir sem que ele percebesse? Não, ele me conhecia muito bem.

— Vocês podem dividir a outra — disse Tyler.

Michael deu de ombros e seu cabelo caiu por sobre um dos olhos, naquela maneira bela e tranquila que o definia.

— Não dá para discutir desse jeito.

Tyler sorriu e segurou minha mão.

— Obrigado, Callie.



Nós comemos as supertrufas, sentados ao redor de uma escrivani-
nha posicionada no meio da sala. Ela servia como nossa mesa de jantar,
com a lanterna de pulso de Michael no meio, regulada para funcionar
como uma vela. Cortamos os chocolates em pedaços pequenos e come-
çamos a brincar, dizendo que a primeira mordida era o aperitivo, a
segunda era o prato principal e a terceira era a sobremesa. Era como
morder um pedaço do céu, aqueles chocolates doces e grossos, uma
mistura de brownie e brigadeiro, um sabor forte e pungente em nossas
línguas. Eles desapareceram logo.

Tyler pareceu se animar depois de comer. Cantou uma canção para
si mesmo enquanto Michael apoiava o queixo sobre uma mão e olhava
para mim, do outro lado da mesa. Eu sabia que ele estava ansioso para
perguntar sobre o banco de corpos. E talvez sobre outras coisas. Vi os
olhos dele passando por meus novos cortes e arranhões.

— As trufas me deixaram com sede — eu disse.

— A mim também — disse Tyler.

Michael se levantou.

— Acho que é melhor encher as garrafas d'água.

Ele pegou nossas garrafas, que ficavam penduradas por correias
atrás da porta, junto com o balde que usávamos para nos lavar. Em
seguida, saiu.

Tyler pousou a cabeça sobre o tampo da escrivaniinha. A animação
pelos chocolates estava cobrando seu preço. Acariciei seus cabelos deli-
cados e seu pescoço. O blusão havia lhe caído por cima de um dos
ombros, expondo a cicatriz da vacina. Deslizei meu dedo sobre ela, grata
pela presença daquela pequena marca. Se não fosse por ela, estaríamos
todos mortos, como nossos pais. Como todas as pessoas que tinham entre
20 e 60 anos. Nós, assim como os Enders idosos, éramos os mais vulne-
ráveis, então fomos os primeiros a receber as vacinas contra os esporos
genocidas. Agora, éramos os únicos que restavam. Não era irônico?

Depois de alguns minutos, Michael voltou com as garrafas d'água
cheias. Fui até o banheiro onde ele havia deixado o balde. Na primeira
semana após chegarmos ao prédio, ainda havia água corrente. Eu suspirei.

As coisas eram muito mais fáceis antes de termos que roubar água dos canos externos quando ninguém estava olhando.

A água fria era refrescante, apesar de estarmos em novembro e de o prédio não contar com aquecimento central. Joguei água sobre os cortes em meus braços e rosto.

Quando voltei para o quarto, Tyler estava acomodado em nosso canto. Michael estava deitado sob o pequeno forte de escrivatinhas, idêntico ao nosso, do outro lado do quarto. Se alguém conseguisse entrar, um de nós seria capaz de acertar o intruso pelas costas. Michael tinha um cano de metal. Eu tinha um miniZip Taser¹ que pertencera a meu pai. Não era tão forte quanto o Zip Taser de um inspetor, mas eu confiava naquela arma. Era triste perceber como aquele objeto me trazia uma sensação de conforto.

Sentei-me sobre meu saco de dormir e tirei os sapatos. Tirei também meu blusão e entrei no saco de dormir, como se estivesse me preparando para cair no sono. Acrescentei pijamas à lista de coisas de que sentia falta. Feitos de flanela, ainda quentes após saírem da secadora de roupas. Eu estava cansada de sempre estar vestida, pronta para fugir ou lutar. Queria muito ter pijamas felpudos e a oportunidade de dormir profundamente, esquecendo do resto do mundo.

— Michael trouxe nossas coisas para cá — disse Tyler, apontando sua lanterna de pulso para nossos livros e tesouros sobre as escrivatinhas que nos cercavam.

— Eu sei. Foi muito gentil ele fazer isso.

Ele apontou a lanterna para um cachorro de brinquedo.

— Assim como era antes.

No começo, pensei que ele se referia à vida em nossa antiga casa, mas percebi que estava falando do dia anterior. Michael fizera questão de organizar nossos pertences exatamente como estavam na outra sala. Ele sabia o quanto eles eram preciosos para nós.

¹ *Tasers* são armas não letais que funcionam com a aplicação de uma forte descarga elétrica na vítima, que a deixa paralisada. São utilizadas por policiais e empresas privadas de segurança em vários países, embora não sejam consideradas instrumentos legais em todos eles (N. T.).

Tyler abriu nosso holoálbum. Ele fazia isso em algumas noites, quando se sentia particularmente triste. Ele o segurava em sua palma e avançava por entre os holos — nossa família na praia, nós dois brincando na areia, nosso pai praticando tiro ao alvo, o casamento de nossos pais. Meu irmão parou no mesmo lugar em que sempre se detinha — uma imagem de nossos pais em um cruzeiro, capturada há três anos, pouco tempo antes de as batalhas começarem no Oceano Pacífico. Era sempre difícil ter que ouvir o som das vozes deles:

— Estamos com saudades, Tyler. Amamos você, Callie. Cuide bem de seu irmão.

No primeiro mês, eu chorava sempre que ouvia essas vozes. Em seguida, parei. Elas pareciam vazias agora, como se viessem de atores sem nome.

Tyler nunca chorava. Ele continuava a absorver aquelas palavras, incansavelmente. Isso era a mamãe e o papai para ele.

— Já chega. Hora de dormir — eu disse, estendendo a mão para desligar o álbum.

— Não. Eu quero lembrar — seu olhar me implorava.

— Está com medo de esquecer?

— Talvez.

Toquei a lanterna que estava amarrada a seu pulso.

— Você lembra quem inventou isso?

Tyler concordou com um aceno de cabeça, estendendo o lábio inferior.

— O papai.

— Isso mesmo. Com a ajuda de outros cientistas. Assim, sempre que vir essa luz acesa, pense que é o papai que está cuidando de você.

— Você faz isso?

— Todos os dias — eu disse, acariciando sua cabeça. — Não se preocupe. Prometo que nunca vamos nos esquecer deles. Nunca.

Para substituir o holoálbum, entreguei a Tyler seu brinquedo favorito, o único que ele tinha agora, um pequeno cão-robô. Tyler o aninhou em seu braço e o brinquedo entrou no modo de operação noturno,

deitando-se como se fosse um cachorro de verdade. Exceto pelos olhos verdes brilhantes.

Coloquei o holoálbum de volta à escrivaninha acima de nós. Tyler tossiu. Puxei a capa de seu saco de dormir para lhe cobrir o pescoço. Toda vez que ele tossia, eu tinha que me esforçar para não ouvir a voz do médico ecoando em minha mente: “Doença pulmonar rara... talvez possa ser curada, talvez não”. Observei o peito de Tyler subir e descer e ouvi a respiração mais profunda do sono tomar conta dele. Após alguns momentos, saí do saco de dormir e olhei por entre as mesas.

A lanterna de pulso de Michael brilhava contra a parede. Joguei meu blusão por cima dos ombros e me aproximei.

— Michael? — sussurrei.

— Pode vir — ele disse, em voz baixa.

Entreí na pequena fortaleza que ele construía. Eu gostava de estar ali, cercada pelos desenhos que ele fazia com lápis e carvão, seus apetrechos artísticos preenchendo cada nicho e espaço. Ele desenhava cenas da cidade, interpretando nossa paisagem de prédios vazios, camaradas e renegados, completos com lanternas de pulso, várias camadas de roupas desgastadas e esfarrapadas e garrafas d’água amarradas a tiras de plástico, jogadas por sobre os corpos magros.

Ele fechou o livro que estava lendo e se sentou com as costas contra a parede, fazendo um gesto para que eu me sentasse a seu lado sobre o cobertor do exército.

— E então, o que aconteceu com seu rosto?

Toquei minha bochecha. Ela ardia.

— Está muito feio?

— Tyler não percebeu.

— Só porque está muito escuro aqui.

Eu me sentei em frente a ele, com as pernas cruzadas.

— Renegados?

Confirmei com a cabeça.

— Sim. Mas estou bem.

— Como era o lugar?

— Esquisito.

Ele ficou em silêncio por um momento. Sua cabeça pendia.

— O que foi? — perguntei.

Michael levantou a cabeça.

— Eu estava preocupado. Achei que você não voltaria mais.

— Eu prometi que voltaria, não foi?

Ele assentiu.

— Sim, mas eu estava pensando... e se você não conseguisse voltar?

Eu não tinha uma resposta para aquela pergunta. Ficamos sentados por um momento até que ele finalmente quebrou o silêncio.

— E então, o que você achou sobre a proposta?

— Você sabia que eles inserem um neurochip aqui? — Apontei para a parte de trás de minha cabeça.

— Onde? Deixe-me ver — disse ele, tocando meu cabelo.

— Eu já disse, fui lá só para conhecer o lugar.

Percebi a preocupação que ele tinha no rosto, o olhar suave e gentil com o qual ele me encarava. É engraçado, eu nunca havia reparado muito nele quando morávamos na mesma rua. É estranho pensar que a Guerra dos Esporos é que tinha nos aproximado.

Enfie as mãos nos bolsos e senti alguma coisa. Uma folha de papel. Eu a puxei para fora.

— O que é isso? — perguntou ele.

— O homem no banco de corpos me entregou esse papel. É o contrato.

Michael se inclinou em minha direção.

— Esse valor é o quanto eles vão pagar? — Ele arrancou o contrato de minhas mãos.

— Devolva isso.

Ele leu o contrato.

— “... três conexões.”

— Não vou assinar.

— É melhor assim — disse ele, ficando em silêncio logo depois. — Mas por quê? Eu a conheço, Callie. Você não está com medo.

— Eles nunca vão pagar todo esse dinheiro. É impossível. Foi o que me fez perceber que era hora de sair de lá.

— Como eles conseguem burlar a lei? Não podem contratar Starters. Dei de ombros.

— Deve haver alguma brecha.

— É algo que passa despercebido. Ninguém vê qualquer propaganda ou anúncio dessa empresa.

Ele tinha razão.

— Só fiquei sabendo a respeito deles quando o cara que morava no primeiro andar me falou.

— Provavelmente ele ganha dinheiro para cada Starter que consegue levar até lá.

— Ele não vai ganhar nenhum dinheiro comigo — eu disse. Deitei de lado, apoiando a cabeça sobre a mão. — Não confio naquele lugar.

— Você deve estar cansada. Foi uma longa caminhada.

— Cansada é pouco.

— Amanhã nós vamos até a doca de carregamento para tentar conseguir algumas frutas.

As palavras dele pareciam se esmaecer no ar e eu sentia meus olhos ficando pesados. Em seguida, abri os olhos e ele estava sorrindo para mim.

— Cal... vá dormir — disse ele, gentilmente.

Concordei. Enfiei novamente o contrato no bolso e voltei para perto de Tyler. Senti meu corpo derreter quando entrei no saco de dormir.

Ajustei minha lanterna para o modo noturno. Ela começou a brilhar com uma luz suave.

O inverno no sul da Califórnia não era brutal, mas o tempo ia ficar bastante frio para Tyler. Eu precisava levá-lo para algum lugar aquecido, uma casa de verdade. Mas como? Essa era minha preocupação ritual de todas as noites. Esperava que o banco de corpos fosse a resposta, mas não. Enquanto eu caía no sono, minha lanterna de pulso se apagou.



Meu sono foi interrompido pelo ruído dos detectores de fumaça. Um cheiro forte tomava minhas narinas. Senti que Tyler, a meu lado, estava se levantando e tossindo.

— Michael? — chamei.

— Fogo! — ele gritou, do outro lado da sala.

Minha lanterna de pulso mostrava que eram 5 horas da manhã. Tateei ao redor para encontrar minha garrafa d'água e a abri. Abri uma gaveta acima de mim e retirei uma camiseta, encharcando-a com água.

— Segure isso sobre o nariz — eu disse a Tyler.

A luz da lanterna de pulso de Michael brilhou no meio da fumaça.

— Vamos embora! — gritou ele.

Segurei no braço de meu irmão com firmeza. Nossas lanternas penetravam parcialmente na cortina de fumaça enquanto nos agachávamos e andávamos em direção à porta.

Michael colocou a mão em minhas costas, guiando-me em direção à escada. A fumaça cobria toda a escadaria. Pareceu demorar uma eternidade, mas conseguimos chegar ao térreo. Minhas pernas estavam bambas quando conseguimos sair.

Nós nos afastamos do prédio, preocupados com as chamas e com a possibilidade de que pedaços da estrutura caíssem sobre nós. Na escuridão do começo da manhã, vimos outros camaradas se aproximando. Dois deles eram conhecidos, e havia outros três que deviam estar nos andares mais baixos.

Eles estavam olhando para o prédio, em choque. Eu me virei para olhar.

— Onde estão as chamas? — perguntei.

— Onde está o fogo? — disse Michael.

— Estão todos aqui? — gritou um homem.

— Sim.

Vi um Ender, talvez com 100 anos de idade, se aproximando. Ele usava um terno bastante elegante.

— Têm certeza? — O Ender olhava para os camaradas, que acenavam afirmativamente com a cabeça. — Ótimo.

O homem levantou a mão e três outros Enders que usavam uniformes e equipamentos para trabalho na construção civil se aproximaram. Um deles arrancou a fita que cobria a tranca na porta lateral. Outro usou uma ferramenta para afixar um aviso. O homem de terno nos deu uma cópia do aviso.

Michael leu o papel.

— Entrada proibida por ordem do novo proprietário.

— Eles usaram a fumaça para nos tirar de lá — disse um dos camaradas.

— Vocês devem deixar a área agora — falou o homem de terno. Seu tom de voz era calmo, mas cheio de autoritarismo. Quando ninguém se moveu, ele acrescentou: — Vocês têm um minuto para cumprir a ordem.

— Mas nossas coisas... — eu comecei a andar em direção ao prédio.

— Não posso permitir que vocês voltem lá. Isso invalidaria nossa apólice de seguro — disse o homem de terno.

— Vocês não podem ficar com nossas coisas — disse Michael.

— Invadir e se instalar em um imóvel que não lhe pertence é crime — disse o Ender. — Estou avisando para seu próprio bem. Trinta segundos.

Senti um aperto no coração.

— Tudo o que temos está lá dentro. Se não podemos entrar, por favor, tragam nossas coisas para fora.

Ele balançou a cabeça.

— Não há tempo. Vocês têm que ir embora. Os inspetores estão a caminho.

Isso fez com que os outros camaradas comessem a correr. Coloquei um braço ao redor de Tyler e me virei para ir embora, mas alguma coisa fez com que eu parasse. O homem de terno já havia virado as costas para nós, mas um dos trabalhadores nos viu e fez um sinal para ele. O homem se virou.

— Por favor. Nossos pais morreram. — Meus olhos ardiam com as lágrimas. — As últimas fotografias que temos deles estão dentro daquele prédio. Terceiro andar, no fim do corredor. Será que alguém

poderia apenas nos trazer o holoálbum? Mesmo se tiverem que jogá-lo pela janela?

Ele ficou imóvel por um momento, como se estivesse considerando o pedido.

— Gostaria de poder fazer isso, mas é impossível. Lamento.

Ele nos deu as costas novamente. Nunca me senti tão vazia por dentro. Era inútil tentar argumentar com ele. Mais de 100 anos nos separavam; ele nunca conseguiria entender todo o sofrimento pelo qual havíamos passado.

— Callie, está tudo bem — disse Tyler, puxando minha mão. — Podemos nos lembrar deles sem as imagens. Nós não vamos esquecer.

Sirenes começaram a soar.

— São os inspetores — disse Michael. — Corram!

Não tínhamos escolha. Corremos por entre a escuridão do início da manhã, deixando para trás os últimos elos físicos que tínhamos com nossa família e com a vida que tivéramos juntos havia pouco mais de um ano.